

Satélite brasileiro está preparado para lançamento

Por Liana John,
da Agência Estado

São José dos Campos - O primeiro satélite brasileiro começou ontem a ser acoplado ao foguete lançador Pegasus, em Cabo Kennedy, na Flórida, EUA. O lançamento será dia 12 de dezembro, às 13h30 (10h30 horas em Brasília), salvo problemas de última hora. Uma comitiva liderada pelo ministro da Ciência e Tecnologia, Israel Vargas, e pelo diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), Marcio Nogueira Barbosa, vai assistir ao lançamento em Wallops, Virginia, do Centro de Controle de Nasa, a agência espacial americana. As imagens serão transmitidas ao vivo pela Radiobrás e pelo Serviço de Imprensa da Embaixada Americana, Usis.

Apelidado de SCD1, o primei-

ro satélite brasileiro servirá para a coleta de dados enviados por plataformas terrestres. As plataformas são pequenas caixas semelhantes às instaladas em estações meteorológicas, dotadas de sensores e medidores especiais. São protegidas de chuvas, sol e vento e, por isso, podem ser instaladas em pontos remotos, onde seria difícil manter uma pessoa para anotar os dados obtidos. Quando o satélite passa sobre as plataformas, um sistema de transmissão em tempo real envia os dados para o satélite, que os retransmite para a antena do Inpe em Cuiabá, uma segunda antena - instalada há apenas um mês - funcionará como centro de controle de reserva em Alcântara, no Maranhão.

A órbita do SCD1 foi planejada para coletar dados em qualquer ponto do território nacional e abrange até um pedaço da Ar-

gentina. Girando a 750 quilômetros de altitude, o satélite tem capacidade para coletar dados simultâneos de 250 plataformas, durante um ano, pelo menos. Depois de um ano é possível que alguns de seus componentes sofram desgaste, devido ao atrito com partículas no espaço, e passem a apresentar defeito. Por isso, já está sendo montado o segundo satélite brasileiro de coleta de dados, o SCD2, que deverá estar pronto para lançamento em meados de 1993.

“Os primeiros satélites deviam apenas dar oportunidade ao Brasil de desenvolver tecnologia e capacitar recursos humanos para competir no mercado espacial, mas, dada a criticidade das questões ambientais, já atribuímos ao SCD1 a tarefa de coletar dados para estudos oceanográficos, atmosféricos e florestais”, explica Marcio Barbosa, do INPE.